

Estágio em saúde nos cursos de bacharelado em Educação Física: perspectivas futuras

Health internship in bachelor's courses in Physical Education: future perspectives

Ana Elisa Messetti Christofolletti
Universidade Estadual Paulista 'Júlio de Mesquita Filho'
Rio Claro-Brasil

Cláudio Joaquim Borba-Pinheiro
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Tucuruí-Brasil

Alexandre Janotta Drigo
Universidade Estadual Paulista 'Júlio de Mesquita Filho'
Rio Claro-Brasil

Resumo

O estudo, proveniente de uma tese de doutorado, verificou o processo formativo no bacharelado em Educação Física, na perspectiva de estudos curriculares, com ênfase na saúde dos estágios curriculares obrigatórios. Objetivou-se observar como os estágios, enquanto componente curricular na área da saúde, são compreendidos para os cursos. A pesquisa envolveu entrevistas com docentes e coordenadores de curso e aplicação de questionários a graduandos. A maioria dos estudantes pretendem trabalhar com esporte/treinamento esportivo e treinamento personalizado com ênfase em saúde. Os docentes observam que os graduandos não possuem grandes interesses em trabalhar no Sistema Único de Saúde. Assim, o estágio é visto como uma oportunidade de conhecer/vivenciar as diferentes áreas, mas se entende que deveria ser a preparação para a carreira.

Palavras-chave: Sistema Único de Saúde; Formação profissional; Graduação em Educação Física.

Abstract

The study, derived from a doctoral thesis, examined the training process in the Bachelor's degree in Physical Education from the perspective of curricular studies, with an emphasis on the health aspect of mandatory curricular internships. The objective was to observe how internships, as a curricular component in the health area, are understood within the courses. The research involved interviews with professors and course coordinators, as well as the application of questionnaires to undergraduate students. Most students intend to work with sports/sports training and personalized training with an emphasis on health. The professors noted that undergraduate students do not show much interest in working in the Unified Health System (SUS). Thus, the internship is seen as an opportunity to explore and experience different areas, but it is understood that it should serve as preparation for their professional careers.

Keywords: Unified Health System; Professional training; Degree in Physical Education.

Introdução

Os estudos de matriz curricular são importantes para a área pedagógica e o estágio curricular supervisionado faz parte desse ambiente, interagindo diretamente com a trajetória formativa e o mercado de trabalho, como mostram em estudos para a formação de professores em Educação Física (Rufino; Souza Neto, 2024; Brasil, 2019; Nóvoa, 2017). No caso do bacharelado em Educação Física, ainda são necessários estudos nessa perspectiva, pois essa abordagem não é recorrente. Nesse sentido, se faz relevante a compreensão de como o processo formativo do bacharelado em Educação Física se articula com os princípios das Diretrizes Curriculares Nacionais, além de apontar possíveis perspectivas para a formação profissional na área da saúde (Brasil, 2018a; 2018b).

O profissional de Educação Física pode atuar em diversas áreas relacionadas à atividade física e ao exercício físico e desde 1997 a profissão é considerada, de maneira documental, da área da saúde (Brasil, 1997). Em 2006, a Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS) mostra a importância da prática corporal e da atividade física para a saúde (Brasil, 2006a). Já em 2008, o profissional de Educação Física é inserido no Sistema Único de Saúde (SUS) por meio do Núcleo Ampliado de Saúde da Família (NASF), na área temática “Prática Corporal e a Atividade Física” (Brasil, 2006a; 2008). Assim, o profissional de Educação Física realmente é reconhecido e incorporado como da saúde quando entra no NASF e com a criação do Programa de Academias da Saúde (Brasil, 2011).

A origem do bacharelado em Educação Física deu-se pela licenciatura em Educação Física (Betti; Betti, 1996; Brasil, 1987). A dicotomia entre educação e saúde diferenciou as áreas, sendo que a saúde ficou para o bacharelado e a educação para a licenciatura (Berrios Kreuger; Ramos, 2021). No entanto, as formações ainda possuem traços biologicistas (Berrios Kreuger; Ramos, 2021). O bacharelado em Educação Física passou a defender o discurso de saúde, mas a saúde ainda estava interligada a aptidão física, esportes e treinamentos, devido a cultura e a herança histórica (Isayama; Ribeiro; Gomes, 2013).

As práticas formativas do bacharelado, marcadas por perspectivas higienistas e eugenistas (Isayama; Ribeiro; Gomes, 2013), contrastam das práticas de atividades físicas oferecidas pelo SUS. Apesar disso, o SUS aparece apenas no Parecer CNE/CES nº 584/2018 (Brasil, 2018b) das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) nº 06/2018. Antes disso, a

formação acadêmica estava mais voltada para as questões da aptidão física e não princípios da saúde, já que o SUS normalmente não estava presente e nem era o principal foco.

Em 2018, as DCNs nº 06/2018 foram publicadas, enfatizando que os bacharéis em Educação Física deveriam ser norteados por três eixos: esporte; saúde; cultura e lazer (Brasil, 2018a) e o Parecer CNE/CES nº 584/2018 (Brasil, 2018b) indica que a formação dos bacharéis em Educação Física deve ser orientada a partir do arcabouço teórico e metodológico do SUS. Nesse sentido, as DCNs nº 06/2018, a partir de seu Parecer, avançam para que os preceitos do SUS sejam trabalhados na Educação Física, não sendo mais considerados uma definição reducionista de saúde.

Até o ano de 2021, os cursos de bacharelado em Educação Física foram regidos pelas DCNs nº 07/2004 (Brasil, 2004). Apesar das DCNs nº 06/2018 terem a previsão de entrar em vigor em 2020, com a pandemia do coronavírus (COVID-19), houve a extensão do prazo até o final de 2021 (Brasil, 2018a; 2018b).

A partir da problemática supracitada, surgiu o seguinte problema que norteia este estudo: Quais as perspectivas futuras com a implementação das DCNs nº 06/2018, a partir da observação do estágio curricular dos cursos de bacharelado em educação física de três universidades estaduais paulistas?

Assim, o objetivo do estudo foi observar o estágio enquanto componente curricular na área da saúde para os cursos de bacharelado em Educação Física em três universidades estaduais paulistas no ano de 2021 e, a partir disso, traçar perspectivas futuras com a implementação das DCNs nº 06/2018.

Metodologia

Questões éticas

Devido os aspectos legais de estudos científicos que envolvem seres humanos, a pesquisa foi submetida e teve a aprovação do comitê de ética local para pesquisas em seres humanos de acordo com a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012.

Em cumprimento das questões éticas, as universidades participantes foram denominadas Universidade 1 (U1), Universidade 2 (U2) e Universidade 3 (U3).

Desenho do estudo

Este estudo é derivado de uma tese de doutorado. É um estudo de caso transversal e qualitativo, cujo propósito é reconhecer os eventos dentro de um contexto específico de três

universidades estaduais públicas paulistas (Eisenhardt, 1989; Yin, 2009). Assim, a presente pesquisa teve a intenção de conhecer uma população específica e o universo dos participantes (Souza Neto, 1999).

É relevante salientar que a pesquisa qualitativa possui um planejamento cuidadoso, mas não é restrita e deve levar em consideração a investigação teórica e o universo pesquisado (Alves-Mazzotti; Gewandznajder, 1998).

Instrumentos e procedimentos para a coleta de dados

A pesquisa contou com a participação de discentes que estavam cursando ou já tinham cursado a disciplina de estágio, docentes e coordenadores dos cursos de bacharelado em Educação Física de três universidades estaduais públicas paulistas.

Os discentes responderam a quatro perguntas fechadas (*Google Forms*) sobre os interesses de onde pretendiam atuar após a formação, opinião sobre a principal área de atuação do bacharel em Educação Física, se realizou estágio no SUS e o quanto este estágio é importante para a formação.

Já os docentes participaram de uma entrevista via *Google Meet* referente à disciplina de estágio curricular supervisionado. Após a coleta, houve a triangulação de dados.

Análise dos dados

Para a análise dos dados, foi utilizada a análise descritiva para as perguntas respondidas pelos discentes. Já para as entrevistas, foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin (2011) em seu viés qualitativo. Com a intenção de auxiliar a leitura e a codificação das análises da pergunta, optou-se pela utilização do software ATLAS.ti 9 da Scientific Software.

Houve uma discussão entre dois pesquisadores acerca dos resultados e interpretação, e após essa revisão, os dados foram submetidos ao processo de triangulação.

Resultados

Resultados das perguntas aos discentes

Participaram do estudo 34 estudantes, sendo eles 12 da U1, 15 da U2 e 7 da U3, com idade $23,31 \pm 3,25$ anos. Dos estudantes, 19 eram do sexo masculino e 15 do sexo feminino. Foram feitos os seguintes questionamentos a eles: “Onde você pretende atuar após a sua formação? (Se desejar, assinale mais de uma opção).”, “O quanto você acha que o estágio na saúde/SUS é importante para a sua formação?”, “Você já realizou ou está realizando estágio na Atenção Básica à saúde, Centro de Atenção Psicossocial, SUS?” e “Quanto você acha que o estágio em saúde coletiva/SUS é importante para a sua formação?”.

Quadro 1: Pergunta – “Onde você pretende atuar após a sua formação?”

Interesse profissional	Quantidade de respostas
Esporte/treinamento esportivo	18
Treinamento personalizado com ênfase na saúde e na qualidade de vida	17
Treinamento esportivo com ênfase em estética e performance	12
Academia de musculação/ginástica e academia/fitness	12
SUS/Atenção Básica à saúde/hospitais/postos de saúde	10
Lazer	7
Clubes	4
Pesquisa/acadêmica	3
Projetos sociais	1
Esporte adaptado	1

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Conforme observado no quadro 1, mesmo sabendo que o profissional de Educação Física é considerado um profissional da área da saúde, os dados coletados demonstram que o principal interesse dos futuros profissionais é para área do treinamento esportivo. Contudo, o trabalho no SUS também está presente de certa forma. Em relação a área de atuação, grande parte dos participantes acreditam que o principal ponto da Educação Física é a saúde, mostrando que eles reconhecem a importância desse requisito para o bacharelado.

Quadro 2: Pergunta – Na sua opinião, qual é a principal área de atuação do bacharel em Educação Física, ou seja, qual é a principal questão que o profissional de Educação Física deve pensar em sua prática profissional? Em caso de DÚVIDA, assinale mais de uma opção.”

Principal área de atuação do bacharelado, segundo os estudantes	Quantidade de respostas
Saúde	27
Esporte	17
Treinamento	17
Lazer	17

Estágio em saúde nos cursos de bacharelado em Educação Física: perspectivas futuras

Performance	16
“Desenvolver integralmente o ser humano, que não é apenas físico, mas sim humano”.	1

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Quadro 3: Pergunta – “O quanto você acha que o estágio na saúde/SUS é importante para a sua formação?”

Importância do estágio na saúde/SUS	Quantidade de respostas
Muito importante	19
Importante	6
Moderado	6
Pouco importante	3

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Tendo em vista os quadros 2 e 3, a saúde é a principal área de atuação do bacharelado, segundo os graduandos. Boa parte deles demonstram que o estágio no SUS é relevante para a formação profissional, porém na questão “Você já realizou ou está realizando estágio na Atenção Básica à saúde, Centro de Atenção Psicossocial, SUS?”, apenas 7 fizeram estágio nessa área e 27 disseram que não fizeram.

Assim, foi identificado que, nesse universo, apesar do reconhecimento de que a saúde e o SUS são importantes para a formação, poucos estudantes realizaram o estágio no SUS. Ademais, a preferência de trabalho voltou-se ao esporte/treinamento esportivo e treinamento personalizado com ênfase na saúde e na qualidade de vida. Contudo, resta saber se essa concepção de saúde se relaciona às perspectivas do SUS ou a uma abordagem de saúde mais reducionista, atrelada apenas à ausência de doença e aptidão física.

Resultados das entrevistas com os docentes

Participaram das entrevistas oito docentes.

Na U1, participaram das entrevistas a coordenadora do curso e dois docentes temporários de estágio, visto que até o momento não havia docente efetivo da disciplina. Esses docentes fazem parte do corpo docente da U1 e assumiram as disciplinas temporariamente.

Na U2, os entrevistados foram o presidente do curso, o docente de estágio curricular supervisionado (que possui um papel mais burocrático das atividades de estágio) e a docente informante, que possui relação direta com a área da saúde. Nesta universidade, em teoria,

todo o corpo docente orienta os estagiários. Contudo, para facilitar, um docente ficou responsável por assumir, de forma burocrática, os estágios. Por isso, uma docente informante com afinidade na área da saúde foi convidada a participar da pesquisa.

Já na U3, participaram do estudo um docente efetivo de estágio curricular supervisionado, que atua na área da saúde, e o coordenador do curso.

Segundo a fala dos docentes, os estágios nas universidades participantes ainda possuem a cultura dos graduandos vivenciarem as diversas áreas da Educação Física, como visto na entrevista da coordenadora de curso da U1 e do docente de estágio da U3, respectivamente:

O estágio I, é por exemplo para a área de esportes, o estágio II é para academia, o estágio III é para da Saúde, o Estágio IV é para o lazer... (Coordenadora do curso de EF da U1).

O que a gente estimula é que eles façam na verdade, né, é bem interessante...a gente divide em seis áreas, seis áreas, então é a área da saúde, área da atividade física em academia, atividade área do Lazer, área da administração e marketing esportivo, algumas coisas assim, é outra área do Esporte e tem aí uma outra área de atuação com pessoas com deficiência. (...) Então quando a gente propõe, né, que o aluno que vai fazer o estágio ele tem que minimamente percorrer em quatro dessas áreas, né, das seis ele tem que percorrer quatro áreas não necessariamente ele não vai ficar só é acompanhando a musculação, ele não vai ficar simplesmente acompanhando a hidroginástica, né? (Docente de estágio da U3).

Mesmo a U2 tendo uma ênfase mais voltada à saúde, o docente de estágio desta instituição também sugere que os estudantes façam estágio nas diferentes áreas, incentivando uma formação generalista e sem perspectiva clara de carreira. A seguir a fala do docente da U2:

Então, eu hoje eu sou uma posição bem firme eu acho que eles têm que dos quatro estágios nem é tão exigente que eles façam tanta troca, mudou. Ficou mais flexível. Mas eu acho que deveria ser quase que forçado nesse obrigatório, porque o outro que ele quer fazer, ele tem um não obrigatório, então ele pode fazer a qualquer momento não obrigatório e o que eu vi é que o aluno faz uma sequência de estágios que acaba fazendo como se fosse eu acho que algumas áreas e outras... na área de engenharia é comum. O “cara” vai fazer o estágio de Engenharia no local e ele continua contratado pela empresa e fica. Na educação física eles têm a mesma ideia tal, mas assim, como é amplo do mesmo jeito que as outras áreas são amplas, eu acho que os obrigatórios a gente poderia colocar assim: tem que fazer uma área de saúde, outro na área de esporte, outro você tem que buscar meio que na gestão, outro você vai amanhã para ... eu gosto de

Estágio em saúde nos cursos de bacharelado em Educação Física: perspectivas futuras

ficar com futebol, só futebol. Tá, então faça um futebol obrigatório depois você vai fazendo não obrigatório com futebol. Ninguém te impede de fazer os não obrigatórios. Mas nos obrigatórios eu sou bem taxativo nisso. É igual o “cara” falar para mim que não quer fazer estatística. Eu falo: não tem jeito. Se você não fizer a disciplina de estatística não se forma. Então eu acho que o estágio também para dar uma visão geral ele deveria: oh, tem que fazer um estágio na área de saúde, na educação física voltados para área de saúde tal. Ah, mas eu não gosto, eu quero trabalhar só com o esporte...eu sinto muito, mas um você vai ter que fazer que isso é uma disciplina senão você não se forma. (Docente de estágio da U2).

Contudo, alguns entrevistados acreditam que o estágio é uma possível porta de entrada para o mercado de trabalho, direcionando os futuros profissionais para o campo que mais lhe agrada, como visto na entrevista do docente de estágio da U3:

Eu percebo que muitos alunos que acabam entendendo e vendo estágio com uma oportunidade de ampliação do campo profissional e a gente percebe isso por quê? Porque ao final do estágio eles tem que fazer relatórios e aí com isso a gente consegue verificar que muitos deles acabam tendo engajamento. Mas como todo ser humano a gente percebe também que alguns vão lá por uma questão formal de questão, né, de necessidade de cumprimento de horas... (Docente de estágio da U3).

Alguns docentes não se mostraram totalmente satisfeitos com o formato de estágio do bacharelado, pois segundo eles, a estrutura do estágio merece mais atenção e discussões que auxiliem mais os graduandos em sua futura profissão. O presidente do curso da U2 comenta sobre o assunto:

Eu penso que a gente também tem que voltar os olhos um pouco mais para importância dos estágios também, assim como a gente valoriza apresentação de TCC (trabalho de conclusão de curso), faz todo o movimento de apresentação de TCCs (trabalho de conclusão de curso). Eu acredito que talvez a gente precisasse avançar também para apresentação dos estágios, sabe? Valorizar o estágio como formação profissional tanto ou quase tanto quanto é valorizada a pesquisa na Instituição. Eu acho que a gente precisa avançar nesse sentido. (Presidente do curso da U2).

Sobre a atuação no mercado de trabalho, os docentes das três universidades relataram que, a partir da percepção deles, grande parte dos estudantes desejam trabalhar em academias de ginástica e com treinamento personalizado. Os docentes demonstram que alguns egressos possuem interesse em trabalhar no SUS e/ou na perspectiva da saúde, mas que o foco central dos estudantes, geralmente, não é esse. Um dos motivos disso pode ser a

falta de oportunidades para trabalhar nesse campo. A seguir, um trecho da entrevista da docente informante da U2 e de um dos docentes temporários de estágio da U1, respectivamente:

Eu ainda acho que o interesse é pequeno, talvez porque eles não conseguiram, assim, no sistema público eu acho que talvez o interesse ainda seja muito menor, né? Porque eles não têm muita vivência, eles não têm experiência disso. (Docente informante da U2).

Com raras exceções, né? (interesse dos estudantes por postos de saúde, hospitais e SUS). Tem algumas exceções, mas são raras. Não é muito difundido nessa linha aí de atuação. (Docente de estágio da U1 – temporário 1).

As entrevistas revelaram que o perfil de formação dos cursos é eclético. Existem discussões sobre a saúde, mas entende-se que a identidade de formação do bacharelado se relaciona com as possíveis áreas de atuação do mercado de trabalho. Assim, a identidade profissional voltada à saúde, normalmente, é confundida com o local de atuação seja no SUS, atuando com beneficiários que possuem comorbidades. A seguir, alguns relatos sobre esse assunto:

Então, porque é o seguinte, é a nossa grade curricular do bacharelado ela realmente na U1 de (nome da cidade) ela é considerada como uma grade eclética ou uma grade aberta no sentido de que a gente não oferece mesmo especialização nenhuma uma área. Eu não vou tomar um aluno de bacharelado especializado no lazer, ou na saúde, ou, por exemplo, no ensino e no treinamento esportivo que nem em outras universidades a gente observa que oferece algumas informações mais específicas ou que pelo menos tem uma tendência (...) (Coordenadora do curso da U1).

Eu acho que eles saem daqui com uma formação bem geral, mas eles se interessam mais por essa área de oferecer o serviço individualizado. (Docente informante da U2).

A gente tem ainda uma pluralidade e o que eu acho muito bom isso, né? Enquanto formação a gente consegue formar pessoas que vão atuar nas mais diferentes áreas que são possíveis entre educação física e o SUS é uma delas, né? (Coordenador do curso da U3).

Nesse sentido, é identificado um receio de considerar a perspectiva de formação de um profissional da saúde, mesmo com o fato de os documentos do Ministério da Saúde assumirem que o profissional de Educação Física faz parte da área da saúde, e das novas DCNs nº 06/2018 e do Parecer CNE/CES nº 584/2018 reforçarem essa visão.

Estágio em saúde nos cursos de bacharelado em Educação Física: perspectivas futuras

Sobre o estágio no SUS, os docentes acreditam que é importante, mas não há grandes interesses por parte dos estudantes e amplas oportunidades. A maioria dos estágios da saúde são realizados nas academias de ginástica e no *fitness*. Assim, os estágios multiprofissionais raramente acontecem na Educação Física, mas, quando ocorrem, são de grande valia para a formação.

Além disso, o estágio em saúde é uma ficção, porque na cidade de (nome da cidade) só existem três profissionais educação física atuando na Secretaria de Saúde. (Docentes de estágio da U1 – temporário 2).

É, de estágio a gente tem muito pouco, porque não tem. Então assim, às vezes acontece de a pessoa estar na academia e aparecer alguém de população especial é o máximo que eu já ouvi. E aí eles falam: oh, curso me ajudou a acompanhar esse indivíduo. Então assim, o referencial teórico do curso eu acho que é muito bom, é muito bom. Comparando com o que eu tive e do que eu escuto dos outros eu acho que o nosso é muito bom. O prático é que ainda “tá meio capenga”. Dos alunos que foram fazer, por exemplo, não era estágio, mas era o programa de extensão no posto. Eles adoram, porque essa interação com usuário é muito gratificante. Aí ele: opa, pera aí, nossa, que legal isso. Então assim, apesar de todas as dificuldades de por exemplo, eu não tenho um espaço adequado para a prática, de material escasso, né? Uma coisa e outra tem ali naquele programa, né? Como que eu vou dizer a palavra... essa interação que tem né, entre os estudantes e usuários da unidade tal, eles dizem: Olha, nossa foi superlegal, eu aprendi muito com esse estágio. Mas eu entendo que eles aprenderam muito em termos de relações humanas. (Docente informante da U2).

Eu vejo que (nome da cidade) ainda tem pouco espaço para estágio especificamente nesta área. É algo que precisa melhorar. (Docente de estágio da U2).

Ainda, nas disciplinas de estágio curricular supervisionado das universidades pesquisadas, estão presentes discussões e trocas de saberes. Contudo, as questões burocráticas ainda aparentam ser mais importantes na atuação de alguns docentes de estágio.

Então a gente fez em vários momentos as questões das discussões. Então por exemplo, no início é formal mesmo, aquela coisa: oh, documento esse, tem que entregar assim, assinatura do seu supervisor, tem que ter uma cópia do Conselho Regional de Educação Física do seu supervisor, anuência dele através da rubrica, “blá, blá, blá”. Aí depois no segundo encontro a gente já abre para discussões. Então vocês estão vendo, né...o que vocês viram aí no seu estágio, né? Quais são os problemas enfrentados? Está tendo orientação, né, “tá” tendo supervisão do estágio? “Tá” largado? Então a gente entra muito nesse debate juntamente com o apoio, geralmente, de uma referência teórica. Então que é feito uma resenha. Então a gente fornece para eles um artigo, provavelmente um artigo...todo

semestre muda um pouco, “tá”? Mas assim, a gente manda um artigo relacionado à área do Bacharel, do profissional de educação física ou do estágio ou dos projetos pedagógicos. Então tinha uma resenha que a gente tinha que fazer que era fazer uma resenha utilizando um artigo científico junto com o projeto pedagógico do curso e aí a gente tinha que fazer uma resenha. (Docente de estágio da U3).

Mas quando retornar presencial, a dinâmica é essa. Eu me encontro em sala de aula com eles uma vez a cada... tem uma plataforma on-line que é o Moodle, né? (...) Lá ele tem todas as minhas gravações, fala tem um vídeo no YouTube explicando estágio, tal. “Tá” tudo bom on-line. Então hoje eu passo tudo isso para eles e passo também da mesma forma quando está no presencial e deixou todo momento assim de uma vez por mês eu vou na sala presencial e quem tiver necessidade eu estou lá para ir...e “também” no dia a dia, porque aqui é bem (...) pequeno. Então a gente se esbarra com os alunos a todo momento é basicamente isso aí que a gente tem feito. (Docente de estágio da U2).

Discussão

O estágio curricular supervisionado enquanto componente curricular geralmente é dividido entre os conhecimentos adquiridos em disciplinas dentro da universidade e a prática realizada no mercado de trabalho ou, em alguns casos, projetos de extensão, ambos com supervisão. Nas universidades pesquisadas, a parte que ocorre no campus usualmente é composta por questões burocráticas, ensinamentos, trocas de saberes e discussões entre o docente orientador da disciplina e os estudantes. Já a parte do estágio prático é quando o estagiário vai a campo, analisa e aplica a teoria na prática, sob a supervisão do profissional de Educação Física que geralmente exerce a função de supervisor de estágio. Assim, diferente das atividades acadêmicas em disciplinas, existe no estágio um acompanhamento e contato com os clientes, beneficiários ou pacientes. Dessa forma, o estágio requer os conhecimentos iniciais das disciplinas no contexto do trabalho formal que, neste momento, está sendo supervisionado por um profissional qualificado.

Na área do bacharelado em Educação Física, a U1 possui quatro estágios relacionados à iniciação esportiva, atividades de academia/dança, saúde e gestão. Na U2, nos estágios I e II os graduandos escolhem a área que desejam e, na teoria, os estágios III e IV são voltados para a ênfase escolhida “Educação Física e saúde” ou “esporte”. Contudo, o docente de estágio incentiva que os estudantes conheçam e façam estágio em diferentes áreas da Educação Física. Na U3 os estágios ocorrem nos dois últimos semestres do curso e os estudantes devem

escolher ao menos quatro das seguintes áreas: lazer, esportes, saúde, adaptada, gestão e administração, e atividade física de academia.

Nesse sentido, é visto que o estágio possui ênfase em conhecer os diferentes campos da Educação Física e auxiliar na formação de carreira do futuro profissional. Porém, a construção da carreira deve ocorrer desde a formação, como mostra Lawson (1983b) e deve ser evitada uma formação sem um direcionamento de um perfil profissional. O presente estudo considera interessante que os graduandos conheçam as diversas áreas da Educação Física em momentos anteriores ao estágio e que este deva ser utilizado para a construção da carreira do futuro egresso. O principal é que os estágios sejam voltados à área em que os estudantes desejam atuar, enfatizando os princípios da saúde que a profissão carrega (Brasil, 1990; 2018a; 2018b). Sendo assim, o estágio deve ser visto como preparação para o trabalho e não como uma disciplina que visa vivenciar e conhecer as áreas.

Ainda, por meio da visão dos docentes, é possível compreender que a área da saúde e o trabalho no SUS não é o interesse maior dos futuros profissionais de Educação Física. Contudo, alguns estudantes mostram-se interessados nessa área, como visto nos questionários. Segundo os docentes, não há muitas oportunidades de emprego nesse âmbito, e isso já foi discutido por Tracz e colaboradores (2022), mostrando que a formação dos profissionais de Educação Física ainda se distancia da saúde. Além disso, os cursos de graduação devem investir em disciplinas específicas, favorecer relações com outros cursos da área e incentivar vivências teóricas na formação inicial. Isso contribuiria para o entendimento da área e mercado de trabalho em saúde, possibilitando um encontro maior dos estudantes com a profissão voltada à saúde.

Isso corrobora com estudos de Paixão, Custódio e Barroso (2016), que verificam que a formação inicial não está proporcionando conhecimentos específicos suficientes para a atuação profissional, sugerindo que as formas de aquisição desses conhecimentos encontram-se nos contatos com professores formados e com maior experiência, leituras de artigos, capítulos de livros e sites que abordam o tema. Essa situação conduz à conclusão de que implementar as experiências vivenciadas pelos acadêmicos nos cursos de bacharelado em Educação Física é uma demanda que merece ser discutida e concretizada nos cursos de formação inicial.

As áreas de maior interesse profissional indicadas nos questionários e nas entrevistas são o esporte/treinamento esportivo, treinamento personalizado com ênfase na saúde e na

qualidade de vida e academias de ginástica. Entretanto, faz-se necessário saber qual é a perspectiva de saúde que consideram: a saúde com vistas ao SUS ou a saúde como mera ausência de doença/estética. Essa dificuldade de aproximação da Educação Física com a área da saúde também pode ocorrer devido a formação do corpo docente ter ocorrido na época em que a perspectiva de aptidão física era mais valorizada (Betti, 1991).

Ainda, foi possível identificar que os estágios na área da saúde apresentam-se nos Projetos Pedagógicos Curriculares (PPCs) (PPC 1, PPC 2 e PPC 3) e nos currículos dos cursos, mas diversas vezes não ocorrem na prática. Segundo os docentes, não há locais específicos para que sejam realizados estágios específicos na saúde, portanto muitos estudantes fazem os estágios em outras áreas. Isso vai de encontro com a concepção de saúde que o bacharel em Educação Física carrega na teoria (Brasil, 1990). Entende-se que para melhorar esse cenário os docentes de estágio devem auxiliar os graduandos a encontrarem estágios na área da saúde.

Ademais, devido os estágios na saúde serem raros, há uma dificuldade na visualização da saúde como identidade profissional da Educação Física. Para Nunes, Votre e Santos (2012) no caso dos cursos de bacharelado em Educação Física, os PPCs nas instituições de ensino superior deveriam buscar uma articulação das unidades de conhecimento em uma perspectiva da formação ampliada e específica. Ainda sobre o estágio curricular supervisionado, Pimenta e Lima (2012) afirmam que a forma como estão estruturados nos cursos de bacharelado na formação inicial coleciona fragilidades, o que dificultam aos profissionais em formação uma preparação adequada para a plena intervenção no ambiente de trabalho. Apesar das novas DCNs nº 06/2018 (Brasil, 2018a; 2018b) ainda não estarem em vigência no momento em que foi realizada esta pesquisa, elas já estavam sendo discutidas, como relatado pelos docentes participantes, portanto se esperava encontrar traços desta perspectiva.

Nas DCNs nº 07/2004, a concepção de saúde para o profissional de Educação Física não era tão explícita, e o bacharel era destinado às áreas extraescolares. Essa visão mudou nas DCNs nº 06/2018 (Brasil, 2018a), pois agora o bacharelado possui áreas de atuação específicas, deixando de ser considerado atividades extraescolares. Ainda, o Parecer CNE/CES nº 584/2018 que acompanha a resolução explica que a formação do bacharel em Educação Física deve estar pautada nos princípios do SUS (Brasil, 2018b). Portanto, entende-se que a formação

deve estar alinhada com os princípios do SUS, mesmo que o futuro profissional tenha a intenção de trabalhar em outras áreas. Isso reforça que o trabalho multiprofissional e a saúde são importantes e devem estar presentes na atuação dos profissionais de Educação Física, assim como nos estágios curriculares supervisionados.

Em outras profissões, como a Fisioterapia, a formação pedagógica para a supervisão de estágio era realizada pela “autorreflexão da prática diária da preceptoria”, no acompanhamento direto dos estudantes com os pacientes, pelos exemplos dos professores que tiveram ao longo do processo de formação e pelas semanas pedagógicas, que ocorriam eventualmente nas instituições de ensino superior. Com isso, os autores concluíram que existe uma necessidade de ressignificação pessoal, política e social acerca da importância e consequências da formação pedagógica do docente da área da saúde do ensino superior, principalmente, do supervisor de estágio, neste caso da Fisioterapia, para que haja uma institucionalização do comprometimento com a formação crítica e humanizada dos egressos (Costa et al., 2020). Isso também pode ser pensado no estágio de bacharelado em Educação Física.

Em suma, foi possível observar que apesar do profissional de Educação Física ser efetivamente da área da saúde, os estágios na saúde e no SUS não estão sendo exercidos adequadamente. Espera-se com as DCNs nº 06/2018 e com o Parecer CNE/CES nº 584/2018 que este cenário mude, enfatizando a relevância da Educação Física nesta área. Acima disso, espera-se que o futuro profissional de Educação Física reconheça-se como um profissional da saúde, como já discutido por diversos documentos (Brasil, 1997, 2018a; 2018b). Sendo assim, independente da área de estágio e do campo profissional escolhido, os estudantes e profissionais de Educação Física precisam agir como profissionais da saúde e considerar isso no momento de prescrever exercícios físicos e atuar profissionalmente.

É relevante dizer que o presente estudo apresentou a limitação de que não foi possível verificar o cenário dos estágios curriculares supervisionados após a implementação das DCNs nº 06/2018, já que a implementação teve prorrogação de prazo devido a pandemia da COVID-19. Assim, sugere-se que futuras pesquisas verifiquem esse contexto após a efetivação das novas diretrizes, visto que o estágio curricular supervisionado é relevante para a construção de carreira dos bacharéis em Educação Física.

Conclusão

Referente aos três cursos de bacharelado em Educação Física das universidades estaduais paulistas investigadas, durante as DCNs nº 07/2004 o estágio na área da saúde era pouco realizado até, pelo menos, o ano de 2021. Apesar dos graduandos considerarem que a principal área de atuação do bacharelado em Educação Física é a saúde e alguns deles terem interesse em trabalhar no SUS, o foco principal parece estar no esporte/treinamento esportivo e treinamento personalizado com ênfase em saúde. Os docentes acreditam que os estudantes não possuem grandes interesses em trabalhar no SUS e acreditam que as vagas ainda são escassas.

Foi identificado que o estágio curricular supervisionado é visto como uma oportunidade de conhecer e vivenciar as diferentes áreas da Educação Física. Desta forma, pensa-se o estágio como formação inicial, disciplinar, e não relacionado com a carreira profissional do futuro egresso, uma vez que a prática do estágio é a ponte entre os estudos acadêmicos e o mercado de trabalho, ou seja, de aplicação do conhecimento aprendido. Isso reforça um desalinhamento com a formação para a saúde, já que o estágio é um momento importante para que os estudantes se capacitem e considerem as perspectivas de saúde em sua formação. Ademais, o papel do estágio como instrumento formativo é articular a teoria, a prática, o compromisso social/profissional e as políticas públicas.

Com as DCNs nº 06/2018, espera-se que os estágios na saúde sejam mais valorizados, tendo em vista que as novas DCNs e seu Parecer CNE/CES nº 584/2018 reforçam que o profissional de Educação Física está inserido na área da saúde e sugerem que os ensinamentos nas graduações sejam a partir da perspectiva do SUS.

Por fim, recomenda-se que novos estudos acompanhem o estudo curricular da Educação Física e a aplicação das DCNs nº 06/2018, especialmente no que se refere aos estágios supervisionados do bacharelado em Educação Física, bem como investigações sobre a formação profissional e a trajetória de carreira de jovens bacharéis, com base em uma perspectiva educacional crítica e reflexiva.

Referências

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith.; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais:** pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 1998.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2011.

BERRIOS KREUGER, Sarah Berrios; RAMOS, Paula. A FORMAÇÃO DOCENTE E SEUS DILEMAS NO CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: uma revisão da literatura. **Revista Exitus**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. e020130, 2021. DOI: 10.24065/2237-9460.2021v11n1ID1534. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.ufopa.edu.br/index.php/revistaexitus/article/view/1534>. Acesso em: 23 jul. 2024.

BETTI, Irene C. Rangel.; BETTI, Mauro. Novas Perspectivas na Formação Profissional em Educação Física. **Motriz**, v.2, n.1, p. 10-15, 1996.

BETTI, Mauro. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BRASIL. Conselho Federal de Educação. **Resolução nº 3, de 16 de junho de 1987**. Fixa os mínimos de conteúdo e duração a serem observados nos cursos de graduação em Educação Física (Bacharelado e/ou Licenciatura Plena). Diário Oficial da União. 10 de set 1987. 1987.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Superior. **Resolução nº 6 de 18 de dezembro de 2018**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Educação Física e dá outras providências. Diário Oficial União. 14 dez 2018b.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CES n.º 0058 de 18 de fevereiro de 2004**. Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física. Brasília/DF, 2004.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 218, de 06 de março de 1997**. Reconhecer como profissionais de saúde de nível superior as seguintes categorias. Diário Oficial da União, 6 de março de 1997. Disponível em: <<http://www.crprj.org.br/legislacao/documentos/resolucaosaude1997-218.pdf>>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2020. 1997.

BRASIL. **Lei nº 8080, de 19 de setembro de 1990**. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 set 1990.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CES 584/2018 – Homologado. Despacho do Ministro em 3/10/2018**. Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Educação Física. Diário Oficial da União, 17 de dezembro de 2018, Seção 1E, p. 33. 2018a.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria Ministerial de Saúde nº154, de 24 de janeiro de 2008**. Cria os Núcleos de Apoio à Saúde da Família. Diário Oficial da União, 25 de janeiro de 2008; Seção 1:47-50. Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/Portaria_N_154_GMMS.pdf. Acesso em: 20 de junho de 2020. 2008a.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 2.488, de 21 de outubro de 2011**. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes e normas para a

organização da Atenção Básica, para a Estratégia Saúde da Família (ESF) e o Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS). Diário Oficial da União, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP 2, de 20 de dezembro de 2019**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Brasília: MEC/CNE, 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

COSTA, Dalianne Lobo da; FRANÇA, Rosângela; BUENO, José Lucas. Formação, profissionalização e identidade docente do supervisor de Estágio do curso de Fisioterapia. **Revista Exitus**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. e020094, 2020. DOI: 10.24065/2237-9460.2020v10n1ID1473. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.ufopa.edu.br/index.php/revistaexitus/article/view/1473>. Acesso em: 23 jul. 2024.

EISENHARDT, Kathleen M. Building theories form case study research. **Academy of Management Review**. New York, New York, v. 14 n. 4, p. 532-550, 1989.

ISAYAMA, Helder Ferreira; RIBEIRO, Clarice Noronha.; GOMES, Rodrigo de Oliveira. O multiculturalismo e os currículos dos cursos de graduação em Educação Física. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. Brasília, v.21, n.2, p.163-176, 2013.

NÓVOA, António. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, out./dez. 2017.

NUNES, Marcello Pereira.; VOTRE, Sebastião Josué; SANTOS, Wagner dos. O profissional em Educação Física no Brasil: desafios e perspectivas no mundo do trabalho. **Motriz**, Rio Claro, SP, v. 18, n. 2, p. 280-90, 2012.

PAIXÃO, Jairo Antônio da.; CUSTÓDIO, Glauber César Cruz; BARROSO, Yuri. O Processo de aprendizagem do professor de educação física atuante em academias de ginástica no início de carreira. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 2, p.286-299, abr./jun. 2016.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 7ed. São Paulo: Cortez, 2012.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; SOUZA NETO, Samuel. Processos formativos e experiências profissionais no estágio curricular supervisionado no campo da educação física: tensões, desafios e possibilidades. **Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins**. Palmas, v. 11, n. 4, p. 1-20, 2024. Disponível em: http://dx.doi.org/10.20873/Dossie_Est_Superv__2024_11. Acesso em: 23/08/2025

SOUZA NETO, Samuel. **A Educação Física na Universidade**: licenciatura e bacharelado – as propostas de formação profissional e suas implicações teórico-práticas. 1999. 336p. Tese

(Doutorado em Educação) – Instituto de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

TRACZ, Eduardo Henrique Casoto.; LINDER, Juliana Aparecida; CAVAZZOTTO, Timothy Gustavo; FERREIRA, Sandra Aires; SILVA, Danilo Fernandes da.; QUEIROGA, Marcos Roberto. Formação em educação física no contexto de saúde pública nos melhores cursos do Brasil. **Journal of Physical Education**, v. 33, n. 1, p. 1-15, 18 abr. 2022.

YIN, Robert K. Case study research, design and methods (applied social research methods). **Thousand Oaks**. California: Sage Publications. 2009.

Informações do artigo

O artigo é decorrente de uma tese de doutorado. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (**CAPES**) - Código de Financiamento 001.

Agradecimentos

Agradecemos o apoio da CAPES e de todos os participantes da pesquisa.

Sobre os autores

Ana Elisa Messetti Christofolletti

Doutora em Ciências da Motricidade pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus Rio Claro.

E-mail: anaelisamchr@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5092-5023>

Cláudio Joaquim Borba-Pinheiro

Doutor em Ciências pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará e da Universidade do Estado do Pará.

E-mail: claudioborba18@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9749-5825>

Alexandre Janotta Drigo

Doutor em Educação Física pelo Departamento de Ciências e Esporte da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Docente e orientador do Programa de Pós-graduação em Ciências da Motricidade da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus Rio Claro.

E-mail: alexandredrigo@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8744-1914>

Recebido em: 29/10/2024

Aceito para publicação em: 04/06/2025